



GOL CONTRA: O *SOFT POWER* BRASILEIRO

Gabriel Leão*

Stephanie Dennison**

Resumo: Em 2016, o Brasil sediou os Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro. Uma oportunidade de expressar para o mundo seu *Soft Power*, que passou de uma edição humilde dos Jogos, mas realizada com propriedade, a uma mancha para sua imagem, com escândalos de corrupção, medalhas que descascavam e a prisão do chefe do Comitê Olímpico Brasileiro, Carlos Arthur Nuzman, por suspeitas de lavagem e desvio de dinheiro. Neste artigo, avaliaremos a prisão de Nuzman e como tal fenômeno afeta o *Soft Power* esportivo brasileiro sob a visão de teóricos como Joseph Nye Jr., Pierre Bourdieu e Guy Debord.

Palavras-chave: *Soft Power*. Brasil. Esporte. Jogos Olímpicos. Carlos Nuzman.

Soft Power é a capacidade de um país alcançar os seus objetivos por meio da atração e não da coerção ou pagamentos, com origem no apelo cultural, nos ideais políticos e nas políticas nacionais (NYE JR., 2004). Esse conceito baseia-se em três valores: cultural, que atua em locais onde já existe uma simpatia pelo país; político, quando de fato demonstra empregá-lo em sua nação e territórios estrangeiros; e política internacional, quando apontada como legítima e dotada de autoridade moral (NYE JR., 2004).

Nos tempos atuais, nos quais as nações – podendo – evitam entrar em guerras, ou até recorrem às guerras por procuração, o *Hard Power*, composto de medidas econômicas e poderio militar, pode ser evitado, menos utilizado ou até aliado ao *Soft Power* para atrair e seduzir em vez de ameaçar e intimidar. O Brasil não é conhecido por seu poder beligerante e seu crescimento recente na esfera da política internacional, foi calcado pelo *Soft Power*.

Durante os anos de Fernando Henrique Cardoso como presidente da República (1995-2002), o país testemunhou a valorização do Real, moeda local, maior abertura econômica e

* Mestre em Comunicação pela Faculdade Cásper Libero, pós-graduado em Política e Relações Internacionais pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP) e bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. E-mail: gabrielleao999@hotmail.com

** Professora titular de Estudos Brasileiros e membro-fundadora do Centre for World Cinemas and Digital Cultures na University of Leeds, Inglaterra. Autora, com Lisa Shaw, de dois livros sobre cinema brasileiro e organizadora do livro *Word Cinema: as novas cartografias do cinema mundial*. Diretora da rede de pesquisa *Soft Power, Cinema and the BRICS*. E-mail: s.dennison@leeds.ac.uk

desenvolvimento do Mercosul.¹ A política externa brasileira iniciou um processo de fortalecimento das relações na América do Sul e o mesmo foi continuado por Luiz Inácio Lula da Silva. Com esse movimento, o Brasil obteve uma maneira de aumentar sua projeção internacional, projeto ambicionado desde a fundação da Organização das Nações Unidas (ONU),² sendo o Brasil o primeiro país a discursar nas Assembleias.³

O crescimento econômico foi uma das principais ferramentas para o aumento de sua influência na política global, e, calcado em políticas governamentais, buscou sua ascensão internacional, fosse pelo aumento da relevância dos discursos presidenciais no exterior ou pelas instituições investidoras no crescimento socioeconômico. Ao alcançar o posto de 6ª economia global, segundo o Centro de Economia e Pesquisa de Negócios (CEBR), em 2011 (BRASIL, 2011). Essas colocações, somadas ao destaque de influentes meios de comunicação estrangeiros, posicionaram o Brasil como a possível futura potência mundial para, enfim, deixar o *status* de "país em desenvolvimento".

As medidas postas em prática na economia brasileira para estancar as feridas da crise econômica mundial de 2008 e 2009 retardaram seus efeitos no país em relação aos países desenvolvidos, com enfoque em investir no crescimento do mercado interno por meio de políticas contracíclicas e não dependendo apenas de exportação de produtos para saciar os países ricos também passando a trabalhar mais as relações com outras nações em desenvolvimento ou subdesenvolvidas (AMORIM, 2010, p. 217, tradução nossa).

Atuando de acordo com a linha de pensamento anteriormente mencionada, o Brasil sinalizou a sua vontade de ser um importante *player* nas relações internacionais. O início dessa trajetória se deu em 1990, durante a presidência de Itamar Franco, ao obter espaço nas discussões continental e global, para continuar essa jornada com os governantes posteriores FHC e Lula. O principal agente nessa ascensão internacional foi o chanceler Celso Amorim, atuante nos três mandatos.

Entre 1993 e 1995 foi Ministro das Relações Exteriores de Itamar Franco, de 1995 a 2003 foi Embaixador Brasileiro tendo passagens pela Organização das Nações Unidas, em New

1 - Mercado Comum do Sul (Mercosul) é uma união aduaneira de livre comércio intrazona e política comercial comum de cinco países da América do Sul iniciado em 1994. Em sua formação original, compunham o bloco: Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai. Com a remoção do presidente paraguaio, Fernando Lugo, o país foi temporariamente suspenso do bloco, tornando possível a adesão da Venezuela em 2012.

2 - Organização das Nações Unidas (ONU) é uma organização internacional com o objetivo de facilitar a cooperação em assuntos de Direito Internacional, Segurança Internacional, Desenvolvimento Econômico, Progresso Social, Direitos Humanos e avanços pela Paz Mundial.

3 - Por tradição, o Brasil é o país responsável pela abertura do encontro que reúne chefes de Estados e de governo dos 193 países-membros da Organização das Nações Unidas (ONU). O Brasil foi selecionado por ter sido o primeiro país a virar membro das Nações Unidas, em 1945, depois do fim da Segunda Guerra Mundial. Dois anos depois, o diplomata brasileiro Oswaldo Aranha deu início à primeira assembleia.

York, foi em 1999 para Genebra, Suíça também como representante brasileiro na ONU e em 2001 assumiu a embaixada brasileira em Londres no Reino Unido. Nos anos de 2003 a 2010 foi Ministro das Relações Exteriores. As diretrizes da política externa brasileira nos dois mandatos de FHC seguiram parâmetros tradicionais: o pacifismo, o respeito ao direito internacional, a defesa dos princípios de autodeterminação e não-intervenção, e o pragmatismo como instrumento necessário e eficaz à defesa dos interesses do país. Suficientemente gerais, tais princípios puderam, portanto, ser adaptados a diferentes circunstâncias ao proporcionarem aos tomadores de decisões uma flexibilidade discursiva e conceitual, facilitando, de acordo com as mudanças históricas ou conjunturais, o espaço para inserir mecanismos de adaptação a novas realidades ou a uma compreensão de mundo distinta (VIGEVANI; OLIVEIRA; CINTRA, 2003, p. 31).

Tais posicionamentos, trabalhos e experiências renderam ao Brasil a projeção de imagem de um país pacifista e mediador de conflitos no cenário internacional, estabelecendo-o como uma opção às potências beligerantes assim como novo parceiro econômico. O país é tido no imaginário social interno e externo como um paraíso tropical e dotado de seu verde-amarelismo (HOLANDA, 1989).

Sediar a Copa do Mundo Fifa em 2014 e os Jogos Olímpicos em 2016 – dois principais eventos da área esportiva – foram movimentos feitos para aproveitar e aprimorar ainda mais a imagem positiva do país no exterior, porém, após vivenciar uma das piores crises político-econômicas de sua história, o destaque da mídia internacional para os casos de corrupção demonstrou que esse movimento foi mais um entre tantos “tiros saídos pela culatra”.

Em 2007, o Brasil foi ratificado pela Federação Internacional de Futebol (Fifa)⁴ como sede da Copa do Mundo Fifa de 2014, desbancando países como Austrália, Colômbia, Jordânia/Iraque e Estados Unidos da América. O movimento para eleger o país teve forte participação do então Ministro dos Esportes Orlando Silva⁵ e do então presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF)⁶ Ricardo Teixeira.⁷

4 - Fédération Internationale de Football Association (Fifa) é a instituição internacional responsável pelas associações de futsal, futebol de praia e futebol, filiada ao Comitê Olímpico Internacional, foi fundada em Paris, França, em 1904, e tem sede em Zurique, na Suíça.

5 - Orlando Silva, Ministro dos Esportes, entre 2006 e 2011, nos governos de Luis Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff. Acusado de gastos irregulares nos cartões de crédito corporativos distribuídos pelo governo federal, suposto beneficiário de um, também, suposto esquema de desvio de dinheiro público por meio de convênios de sua pasta com ONGs e de ter utilizado programa governamental com fins sociais como instrumento político-eleitoral, e inocentado de tais acusações.

6 - Confederação Brasileira de Futebol (CBF), entidade máxima do futebol brasileiro, foi fundada em 1914.

7 - Ricardo Teixeira, 18º presidente da CBF, permaneceu no cargo de 1989 a 2012. Em investigação do FBI, foi apontado como receptor de propina no contrato da CBF com a Nike e na venda de direitos de transmissão da Copa do Brasil. Junto de seu ex-sogra, João Havelange, recebeu mais de US\$ 41 milhões em subornos pela concessão de direitos de *marketing* da Copa do

No mesmo ano, foi iniciado o processo de eleição dos Jogos Olímpicos de Verão de 2016, encerrado em 2009, elegendo a cidade do Rio de Janeiro como sede. A comissão brasileira contou com o ex-presidente da Fifa João Havelange⁸ e com o presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB).⁹ Avaliada em três processos, a cidade brasileira desbancou Madri (Espanha), Tóquio (Japão) e Chicago (EUA). *Rio 2016* foi a primeira edição do evento realizada na América do Sul.

O referencial aparente é a manifestação "real", isto é, um espetáculo propriamente esportivo, confronto de atletas vindos de todo o universo que se realiza sob o signo de ideais universalistas, e um ritual, com forte coloração nacional, senão nacionalista, desfile por equipes nacionais, entrega de medalhas com bandeiras e hinos nacionais. O referencial oculto é o conjunto das representações desse espetáculo filmado e divulgado pelas televisões, seleções nacionais efetuadas no material em aparência nacionalmente indiferenciado (já que a competição é internacional) que é oferecido no estádio. Objeto duplamente oculto, já que ninguém o vê em sua totalidade e ninguém vê que ele não é visto, podendo cada telespectador ter a ilusão de ver o espetáculo olímpico em sua verdade (BOURDIEU, 1997, p. 123).

Sediar uma edição dos Jogos Olímpicos é uma maneira de apelar para o espírito coletivo popular em abraçar os ideais da pátria torcendo por seus atletas. Os Jogos Olímpicos possuem valores como amizade, respeito e excelência, enquanto os Paralímpicos defendem determinação, coragem, igualdade e inspiração. Entretanto, o evento também coloca para se digladiar nações, ideologias e até mesmo etnias. Como exemplos, podem ser citados os Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, na Alemanha nazista, exaltando o homem e a mulher arianos ou o boicote da delegação estadunidense aos Jogos Olímpicos de Verão de 1980, em Moscou, na União Soviética, em protesto à invasão dessa no Afeganistão, e em contra-ataque a URSS boicotou os Jogos Olímpicos de Verão de 1984 em Los Angeles, nos Estados Unidos.

As edições dos Jogos Olímpicos citados anteriormente exemplificam a utilização de eventos esportivos como ferramenta de *Soft Power*, baseando-se no seu lado cultural (esportivo); nesse tabuleiro, os atletas surgem como as menores peças do jogo político, apesar de serem

Mundo. Hoje, vive recluso em sua mansão no Rio de Janeiro, enquanto seus advogados avaliam a possibilidade de fazer uma delação premiada na Justiça dos Estados Unidos.

8 - João Havelange, empresário, advogado, nadador e dirigente esportivo, foi membro do Comitê Olímpico Internacional entre 1963 e 2011 e presidente da Fifa de 1974 a 1998. Além da acusação de ter recebido propina com o genro, Ricardo Teixeira, Havelange foi exposto como favorecido na compra de votos, por parte de Horst Dassler, filho do fundador da Adidas e ex-diretor da empresa, de delegados indecisos na primeira eleição de Havelange para a presidência da entidade máxima do futebol; Havelange retribuiu o favor entregando a Dassler o poder exclusivo sobre a comercialização dos principais torneios mundiais.

9 - Comitê Olímpico Brasileiro (COB) fundado em 1914 e entidade máxima no esporte brasileiro.

os que aparecem nas transmissões televisivas. O atleta olímpico no período de seu auge, e em alguns casos, décadas após, é visto como um olimpiano: uma espécie de semideus nos meios de comunicação, assim como *playboys*, políticos, astros de cinema e outras celebridades. Os principais nomes com histórias de superação das Olimpíadas do Rio são o velocista jamaicano Usain Bolt, o nadador estadunidense Michael Phelps, a ginasta estadunidense Simone Biles, a judoca brasileira Rafaela dos Anjos e a *wrestler* japonesa Kaori Icho.

Um Olimpo de vedetes domina a cultura de massa, mas se comunica, pela cultura de massa, com a humanidade corrente. Os olímpianos, por meio de sua dupla natureza, divina e humana, efetuam a circulação permanente entre o mundo da projeção e o mundo da identificação. Eles realizam os fantasmas que os mortais não podem realizar, mas chamam os mortais para realizar o imaginário. [...]. Assim, uma nova alta sociedade, mais mitológica do que as antigas altas sociedades burguesas ou aristocráticas, mas, paradoxalmente mais próxima da humanidade quotidiana, é constituída pela nova camada olimpiana. Os olímpianos estão presentes em todos os setores da cultura de massa. Heróis do imaginário cinematográfico, são também os heróis da informação vedetizada. Estão presentes nos pontos de contato entre a cultura de massa e o público: entrevistas, festas de caridade, exibições publicitárias, programas televisados e radiofônicos. [...] (MORIN, 1997, p. 107).

Esses atletas são observados e emulados por diversas pessoas pelo mundo, e, em casos como os de Berlim, Moscou e Los Angeles, estiveram entre os principais prejudicados: os alemães, por terem sua imagem e legado vinculados ao nacional-socialismo, e os estadunidenses, assim como os russos, por perderem a oportunidade de apresentar todo o resultado de um extenuante treinamento. Contudo, com a cobertura do jornalismo investigativo expondo escândalos de corrupção na produção desses eventos, os principais afetados foram as nações e os seus governos, em decorrência de seu capital político de *Soft Power*.

A imprensa internacional reagiu de forma positiva à cerimônia de abertura dos Jogos, no icônico estádio do Maracanã. Simon Romero (2016), no *The New York Times*, falou em "brilhoso", e tanto o *NYT* quanto Owen Gibson e Jonathan Watts (2016), no *The Guardian*, enfocaram-se mais no conteúdo do show e na mensagem ambiental (e, portanto, global) do que nos problemas de preparação para os Jogos que antes haviam dominado as manchetes. Aliás, os colunistas do *The Guardian* se mostraram aliviados que a abertura passou sem nenhum transtorno e comentaram sobre o discurso emocional de Nuzman (GIBSON; WATTS, 2016), o dignitário que realmente mais escapou das críticas da plateia no Maracanã (o presidente interino Michel Temer, que falou poucas palavras e nem sequer foi apresentado pelo nome, foi vaiado, e Thomas Bach, presidente do Comitê Olímpico Internacional, tampouco foi bem recebido, como resultado das críticas ao COI, por permitir a participação de atletas russos, suspeitos de *doping*).

O jornal *The New York Times* apontou que "Os Jogos Olímpicos excederam as baixas expectativas" (CLAREY, 2016, tradução nossa) em relação ao evento sediado em um país em desenvolvimento enfrentando crise econômica, enquanto as demais edições se deram em potenciais mundiais e/ou fortes economias. Um dos problemas enfrentados foi a improvisação quanto à organização, resultando na higiene das instalações de provas aquáticas, reforçando o estereótipo de "latino-americanos desorganizados e improvisadores" (CLAREY, 2016, tradução nossa). A matéria ainda ressalta que o suposto legado olímpico defendido pelo COB com um orçamento de US\$ 20 bilhões, apesar de trazer novos estádios, prédios e mudanças na estrutura do transporte público, não teve o desenvolvimento necessário da cidade como foco, o que, por fim, gerou "elefantes brancos". Outro problema foram as medalhas descasarem, expondo ainda mais a fragilidade da produção do evento (PAYNE, 2017).

Porém, mais do que a desorganização e a improvisação dos Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro, em 2016, o golpe mais profundo para a credibilidade do país foi a prisão do Presidente do Comitê Olímpico Brasileiro, Carlos Arthur Nuzman, no dia 5 de outubro de 2017. A prisão se deu pela Polícia Federal na Operação *Unfair Play*, tendo Nuzman como suspeito de pagar propinas para que a cidade do Rio de Janeiro fosse eleita como sede dos Jogos Olímpicos, lavagem de dinheiro e suspeita de participação em organização criminosa. Os agentes da lei apreenderam 16 barras de ouro em seu poder, guardadas em um banco, no valor de US\$ 2 milhões.

Para contextualizar o impacto dessa prisão, em pleno Jogos Olímpicos, o presidente do Comitê Olímpico da Irlanda, Pat Hickey, havia sido preso com muito alarde, sob suspeita de formação de quadrilha, em um escândalo de venda de ingressos. Entretanto, o caso de Hickey não refletiu mal sobre o Brasil (e nem sobre a Irlanda), mas sobre o próprio COI, considerado corrupto por muitas pessoas. Além disso, ocorreram várias tentativas por parte de atletas estrangeiros de macular a imagem do Brasil por ganho próprio (como a do nadador americano Ryan Lochte, e sua falsa história de assalto) foram habilmente impedidas.

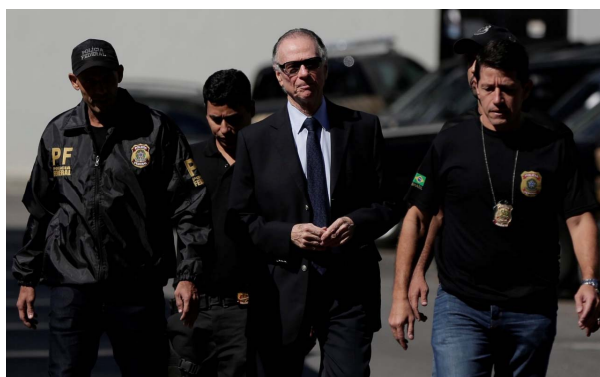
A matéria do jornal inglês *The Guardian*, relatando a prisão de Nuzman, traz dados, detalhes das transações de Nuzman e uma foto dele, com semblante preocupado, entre dois policiais.

Figura 1 Carlos Arthur Nuzman

Fonte: Bruno Kelly/Reuters (KELNER, 2017).

O texto aponta que o Comitê Olímpico Internacional, do qual Nuzman é membro honorário desde 2013, após o fim de seu mandato, abriu um processo investigativo sobre ele e pode considerar medidas provisórias por conta da prisão do cartola. O COI pediu para as autoridades brasileiras informações completas para seguir com sua apuração. O jornal britânico aponta que, entre 2006 e 2016, seu patrimônio cresceu em 457% (KELNER, 2017).

O *The New York Times* ilustra sua matéria sobre a prisão de Nuzman com três agentes da polícia federal o acompanhando, e o rosto não expressa preocupação, como na imagem anterior, mas as mãos estão juntas e em ambas ele aparece de óculos escuros.

Figura 2 Carlos Arthur Nuzman

Fonte: Bruno Kelly/Reuters (LONDOÑO; PANJA, 2017).

O texto aponta que Nuzman é acusado de não ter declarado suas 16 barras de ouro que estão na Suíça, conhecido paraíso fiscal, além de outros bens em território estrangeiro.

O jornal recorda que a polícia federal também fez uma operação em sua residência no mês anterior, pela operação *Unfair Play*, encontrando US\$ 155 mil em dinheiro e a chave para o cofre na Suíça, e o mesmo texto aponta que Nuzman comanda o COB há duas décadas (LONDOÑO; PANJA, 2017). As denúncias também implicam seu "braço direito", Leonardo Gryner, diretor de operações para os Jogos Olímpicos Rio 2016.

As denúncias envolvem trocas de *e-mails* entre Gryner e o senegalês Papa Massata Diata, então membro do COI e atualmente acusado pela justiça francesa por lavagem de dinheiro e corrupção. Conforme o *The New York Times*, o então governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, teve papel ativo no esquema de propinas para garantir que os Jogos Olímpicos fossem sediados no Rio de Janeiro. O mesmo foi condenado, em junho de 2017, a 14 anos de prisão por suborno e lavagem de dinheiro na Operação Lava-Jato. As autoridades afirmam que o dinheiro para garantir as Olimpíadas veio do empresário Arthur César de Menezes Soares Filho, condenado a 45 anos em outro caso de corrupção e foragido enquanto este texto foi redigido (LONDOÑO; PANJA, 2017).

As imagens são capazes de entrar para o contexto histórico e se tornarem mais do que uma mera representação da realidade (BURKE, 2004). No caso, as imagens mencionadas anteriormente servem de alegoria para o momento em que o esporte brasileiro vive e também para a crise político-econômica vivenciada pela própria nação.

Uma solução mais comum para o problema de tornar concreto o abstrato é mostrar indivíduos como encarnações de ideias ou valores. Na tradição ocidental, um conjunto de convenções para a representação do governante como heroico, na verdade um super-humano, foi estabelecida na Antiguidade clássica. (BURKE, 2004, p. 81).

Nuzman, seja em fotos oficiais ou aparições midiáticas, apresentava-se e era retratado como uma figura altiva, de porte ereto, olhar firme e fala comedida, lembrando um senador romano de filme hollywoodiano. Somada a essa imagem, também tem destaque seu discurso emotivo na abertura dos Jogos Olímpicos e o seu passado de jogador de vôlei internacional, tendo representado o Brasil nos Jogos Olímpicos Tóquio 1964. A prisão de Nuzman é mais um momento baixo, não apenas para o esporte nacional, como para o *Soft Power* do país.

O Brasil não se classificou entre os 15 melhores em *rankings* de *Soft Power* de 2017, e conforme o ranking apresentado no site do Portland Softpower 30, ocupa o 29º posto (PORTLAND, 2017), e na avaliação disponível do site Monocle, aparece na 19ª posição (MONOCLE, 2017). Não há país latino-americano de maior expressão que o Brasil nessas métricas: observa-se que é o de maior projeção entre seus pares, entretanto, alguém das potências internacionais.

Como mencionamos acima, o *Soft Power* de um país reside em três esferas: sua cultura, seus valores políticos e em suas políticas internacionais (NYE JR., 2004). Essas três fontes dialogam entre si, portanto, ter uma democracia avançada é uma fonte respeitável de *Soft Power*

e esses governos o são quando possuem respeito por valores como transparência, direitos humanos, liberdade de expressão e respeito por instituições e manifestações democráticas. Assuntos internos, como a segregação racial dos Estados Unidos, diminuem o apelo do país para os africanos (NYE JR., 2004), assim como a própria África do Sul foi rechaçada pela comunidade internacional por manter o regime do Apartheid. O Brasil tem problemas sérios na questão de direitos humanos e os escândalos de corrupção abundam no noticiário estrangeiro, incluindo o caso de Nuzman.

Enquanto líderes de países autoritários podem empreender suas políticas por meio de coerção, nas democracias, o poder reside em uma combinação de indução e atração (NYE JR., 2004). Sendo assim, democracias fortalecidas possuem um *Soft Power* mais trabalhado que aquelas na qual o seu tecido se encontra enfraquecido, transmitindo a mensagem de que não respeitam as regras que pregam nem no próprio território. Como resultado, o processo de *impeachment* de Dilma Rousseff com a corrupção que assola o país também minam o próprio *Soft Power* (DENNISON apud BUARQUE, 2017). O país caiu em *rankings* internacionais, tendo como um dos motivos não ter aproveitado o fato de sediar os Jogos Olímpicos de 2016, e tal responsabilidade recai sobre o atual governo que deixou passar a oportunidade (DENNISON apud OLIVEIRA, 2017).

Para Nye Jr. (2004), a habilidade de estabelecer uma política de *Soft Power* encontra forças em características intangíveis, como personalidade atraente, cultura, e valores políticos e institucionais, além de políticas vistas como legítimas e dotadas de valores reconhecidos. De tal forma, se um líder representa esses valores, os outros vão querer segui-lo, o que tornará seu caminho menos tortuoso – e o mesmo vale para países. Enquanto esse documento é escrito, Michel Temer está com 3% de aprovação pela população brasileira em pesquisas, e Carlos Arthur Nuzman foi liberado da prisão, no entanto, já teve sua imagem arranhada.

Políticas governamentais podem reforçar ou desperdiçar o *Soft Power* de um país. Políticas domésticas ou internacionais de teor hipócrita, arrogante, indiferente à opinião alheia ou baseada em uma aproximação estreita dos interesses internacionais podem deteriorar o *Soft Power* (NYE JR., 2004, p. 14, tradução nossa).

O trunfo da política internacional brasileira mediando conflitos e se tornando um parceiro econômico é ferido por uma de suas maiores recessões econômicas e escândalos de corrupção, tendo na Copa do Mundo de 2014 e nos Jogos Olímpicos de 2016 duas das principais "vitrines" de momento tão frágil. A existência de "ilhas" pacíficas dentro do tabuleiro da política internacional é uma mostra de como o conceito de *Soft Power* vem sendo valorizado, já que as mesmas são capazes de influenciar outros estados democráticos (NYE JR., 2004). Assim que retira suas tropas empregadas pela ONU do Haiti, o Brasil parte para uma missão de paz no continente africano. O Brasil, diferentemente dos Estados Unidos e similares, não

está em confronto armado sob a própria bandeira, com alegações de como combater o terrorismo feito, obtido por longo trabalho para definição de sua imagem internacional.

Nos Jogos Olímpicos Rio 2016, o Brasil figurou na 13ª posição no quadro de medalhas, enquanto os três primeiros postos foram ocupados, respectivamente, por Estados Unidos, Reino Unido e China (QUADRO..., 2016); nos Jogos Olímpicos Londres 2012, o Brasil obteve a 22ª colocação, enquanto a competição foi liderada na seguinte ordem: Estados Unidos, China e Reino Unido (QUADRO..., 2012); já nos Jogos Olímpicos Pequim 2008 o Brasil conseguiu a 23ª colocação e os três primeiros colocados foram China, Estados Unidos e Rússia (QUADRO..., 2008). Os quadros mostram considerável evolução brasileira, tendo galgado uma posição entre os ciclos de 2008 e 2012 e, então, conquistado o 13º posto ao sediar os jogos em casa.

Na vinheta especial do fim de ano de 2015, a TV Globo reuniu atletas, artistas, apresentadores e jornalistas cantando e anunciando a chegada de um novo ciclo, ou seja, uma nova e melhor vida para todos. Entretanto, após os Jogos Olímpicos, mesmo obtendo resultados respeitáveis, muitos perderam seus patrocinadores e pouco apareceram nos meios de comunicação. O golpe final veio com o corte de 87% da verba destinada ao Esporte para 2018 e a possibilidade de acabar com o programa Bolsa Atleta, realizado pelo governo Temer (VECCHIOLI, 2017). Portanto, o Brasil retorna para sua realidade de estrelas solitárias e ausência de cultura esportiva, o que, por fim, afeta o próprio *Soft Power* brasileiro.

Os programas esportivos em países como Estados Unidos, China e Rússia extraem da quantidade de pessoas disponíveis seus atletas de excelência, sendo assim, verdadeiras potências no mundo desportivo, principalmente em seu uso político, e veem os Jogos Olímpicos como uma oportunidade de demonstrar seu *Soft Power*.

Para Bourdieu, a própria produção dos Jogos Olímpicos é "dominada por uma pequena camarilha de dirigentes esportivos e de representantes das grandes marcas industriais" (BOURDIEU, 1997, p. 125), controladora da venda dos direitos de transmissão e dos direitos de patrocínio, além de determinar as cidades olímpicas. Entre as marcas industriais citadas estão as empresas de aparatos esportivos e outros produtos que entram como patronas do evento, e as emissoras televisivas – em especial as estadunidenses – trabalhando para a construção de imagem do que julgam ser o ideal esportivo. Portanto, os Jogos Olímpicos adentraram a sociedade do espetáculo preconizada em 1967 (DEBORD, 1997), na qual os grandes mediadores das relações humanas são os veículos de comunicação, conferindo virtual onipresença e onipotência para os agentes, sejam Estados, sejam conglomerados financeiros, e as semelhanças de posturas e fins dos mesmos são apontamentos do vazio de ideologias no qual o mundo está inserido.

Quando a ideologia, que é a vontade abstrata do universal e sua ilusão, se encontra legitimada na sociedade moderna pela abstração universal e pela ditadura efetiva da ilusão, ela

já não é a luta voluntarista do parcelar, mas seu triunfo. Assim, a pretensão ideológica adquire uma espécie de chã exatidão positivista: já não é uma escolha histórica, mas uma evidência. Numa afirmação dessas, os nomes específicos das ideologias sumiram. Até a parte do trabalho propriamente ideológico a serviço do sistema já não se concebe senão como reconhecimento de uma "base epistemológica" que se pretende além de qualquer fenômeno ideológico. A ideologia materializada não tem nome, como também não tem programa histórico enunciável. Isso equivale a dizer que a história das ideologias acabou (DEBORD, 1997, p. 131-138).

Com a intensificação da disputa entre nações dentro da sociedade do espetáculo, promovida pelas transmissões televisivas no espectro da globalização, a competição ganhou enorme relevância, conduzindo os governos a criarem políticas esportivas estatais que focam o sucesso internacional em uma demonstração de força simbólica e econômica e apontam, no campo dos esportes, a superioridade da ideologia, políticas esportivas e cultura das nações, conduzindo, assim, "a exploração simbólica e econômica das vitórias e a industrialização da produção esportiva, que implica o recurso ao doping e a formas autoritárias de treinamento" (BOURDIEU, 1997, p. 126). Tal estrutura, ao visar o poder nas quadras, também abre espaço para que os agentes políticos usufruam da corrupção por meio de desvio de verbas, subornos e outros métodos escusos.

O conceito do esporte como demonstração de *Soft Power* cultural na sociedade contemporânea atua como um braço do que Octavio Ianni (2003) chama de "Príncipe Eletrônico", a evolução da imagem de príncipe idealizada por Maquiavel em seu *opus magnum*, *O príncipe*, e posteriormente trabalhada no ideário do príncipe moderno de Antonio Gramsci. Nesse quadro de evolução, aparece Carlos Arthur Nuzman como um pequeno agente, conforme explicado a seguir.

Para Maquiavel, o príncipe é dotado de *virtú* e conta com *fortuná* em sua avaliação da representação ideal do príncipe. Para o autor, o governante ideal seria o seu amigo Duque de Valentino, Cesare Borgia, o qual, para o filósofo, seria capaz de unificar a Itália então dividida em estados-nações. Antonio Gramsci evoluiu essa visão e procurava um príncipe moderno não em um homem, mas, sim, em um partido revolucionário em contínuo e vasto esforço vanguardista dentro de sua base de sustentação, e exemplificou sua força à imagem de poder de Maquiavel, baseada no mito do centauro: metade homem, metade animal, combinação necessária para conseguir consentimento e coerção, entretanto a primeira face deve ser oferecida previamente (COX, 1983).

Com o crescimento da globalização, as formas com que estados-nações e conglomerados lidam com o poder se transformam e também se adaptam. O poder não está mais nas mãos de apenas um agente político, como um rei, um príncipe, um imperador ou mesmo um partido político. As relações de poder nas altas esferas se dão entre uma simbiose de líderes políticos, econômicos, midiáticos, religiosos e militares.

Na época da globalização, alteram-se quantitativa e qualitativamente as formas de sociabilidade e os jogos das forças sociais, no âmbito de uma configuração histórico-social da vida, trabalho e cultura na qual as sociedades civis nacionais se revelam províncias da sociedade civil mundial em formação. Nessa época, as tecnologias eletrônicas, informáticas e cibernéticas impregnam crescente e generalizadamente todas as esferas da sociedade nacional e mundial; e de modo particularmente acentuado as estruturas de poder, as tecnoestruturas, os *think-tanks*, os lobbies, as organizações multilaterais e as corporações transnacionais, sem esquecer as corporações da mídia. Esse pode ser o clima em que se forma, impõe e sobrepõe *O príncipe eletrônico*, sem o qual seria difícil compreender a teoria e a prática da política na época da globalização (IANNI, 2003, p. 143).

O conceito de príncipe eletrônico justifica a visão de Bourdieu sobre os donos dos Jogos Olímpicos, os agentes políticos, as empresas do setor privado – televisões e patrocinadores – e os dirigentes esportivos; um pequeno grupo que comanda uma bilionária “festa” do esporte mundial. Ao mesmo tempo que disputam entre si por seus interesses e a oportunidade de demonstrar aos espectadores sua força, unem-se para manter o evento sob determinados moldes. Em geral, no entanto, “o príncipe eletrônico expressa principalmente a visão do mundo prevalecente nos blocos de poder predominantes, em escala nacional, regional e mundial, habitualmente articulados”. (IANNI, 2006, p. 149).

Observando por tal prisma, Nuzman e o COB estão presentes no bloco nacional do Brasil, e sua prisão aponta para sua falha como representante do esporte brasileiro, e, portanto, guardião desse caminho do *Soft Power* do país. Ser investigado já coloca uma mancha sombria sobre as suas atividades e a validade do seu trabalho no COB, assim, ser preso – mesmo tendo sido liberado depois – gera uma imagem de forte apelo negativo para instituições nacionais e internacionais.

O Brasil, sendo um país em desenvolvimento para o investimento no esporte como uma ferramenta de mobilização social, cria expectativas em outros estados-nações; como exemplo máximo, a judoca medalhista de ouro, Rafaela Silva, a qual enfrentou críticas árduas, injustas e racistas na edição passada, emergiu no topo do pódio na edição realizada em sua cidade, o Rio de Janeiro (PIRES, 2018). Com exemplos como o de Rafaela Silva e demais atletas, o Brasil apontava para um novo programa esportivo capaz de interagir com mais força com as regras internacionais, além de valores e ações cada vez mais legítimos para o julgamento alheio. Com este movimento, conduz as instituições a atrair os demais países e, desse modo, aproximarem-se do centro de poder sem utilizar armas ou ásperas medidas econômicas (NYE JR., 2004).

Por meio da instituição esportiva, aumentaria sua esfera de poder sobre países de economia e infraestrutura subdesenvolvida, diminuindo ou afastando o avanço de nações desenvolvidas, como Estados Unidos, China e Rússia, sem necessitar de ações beligerantes, já que

esses são mais fortes. Tendo o interesse dos estados-nações menores por meio do esporte, galga algumas posições em seu projeto internacionalista. Assim como aponta Nye Jr. (2004), há países com influência política maior que sua capacidade militar e econômica devido à inclusão de causas atraentes em sua política externa, como o auxílio econômico e o pacifismo. Nos Jogos Olímpicos Rio 2016, os atletas refugiados competiram sem bandeira, e, alguns deles, aplaudidos pela torcida local, optaram por permanecer no Brasil: isso é um dos efeitos do *Soft Power*.

Se um país pode moldar regras internacionais que consistem com seus interesses e valores, então parecerá ainda mais legítimo aos olhos alheios. Se usar instituições e seguir regras que encorajam outros países a canalizar ou limitar suas atividades de acordo com suas preferências, não necessitará de muitas cenouras e varas (NYE, 2004, p. 11, tradução nossa).

"Em uma sociedade liberal, o governo não pode, tampouco deveria, exercer controle sobre a cultura; na verdade, a ausência de políticas de controle em si é sua fonte de atração" (NYE, 2004, p. 17, tradução nossa). Diferentemente de grandes produtores de conteúdo, como conglomerados de mídia alojados no país, o Ministério dos Esportes e o Comitê Olímpico Brasileiro, assim como as confederações esportivas, são órgãos governamentais e, portanto, uma forma de exercer controle sobre seu capital cultural de *Soft Power*, porém, conduzidos com pouca seriedade, erodem o próprio potencial de projeção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imagem de Carlos Arthur Nuzman sendo conduzido por agentes da lei transmite o estado no qual a política brasileira se apresenta desde 2013, um momento em que há o combate à corrupção, e figuras, antes tidas como inatingíveis, começam a ver sua posição na sociedade ameaçada. Por tratar-se do principal dirigente esportivo do país, as fotos também simbolizam o esporte brasileiro como uma instituição marginalizada e que não colabora com o *Soft Power* da nação em todo o seu pleno potencial. Acreditamos que trabalhando a base esportiva, provendo melhores estruturas aos atletas, trazendo conceitos de *accountability* e transparência, e integrando a plataforma esportiva com a educativa, o esporte brasileiro pode ajudar muitos jovens em busca de seu espaço na sociedade e servir como forte alicerce do *Soft Power* brasileiro. Assim, serviria melhor aos interesses internacionais brasileiros e retomaria a posição de país em desenvolvimento prestes a se tornar uma potência.

Own goal: the Brazil Soft Power

Abstract: The city of Rio de Janeiro in Brazil was host to the 2016 Summer Olympic Games. A golden opportunity to present its Soft Power to the world began as a pared-back but sufficiently well-executed games, and ended in the negative image of corruption scandals, rusting medals and the arrest of the head of the Brazilian Olympic Committee, Carlos Arthur Nuzman under suspicion of money laundering and embezzlement. In this article we examine the capture of Nuzman in the context of Brazil's sporting soft power, basing our analysis on the work of Joseph Nye, Pierre Bourdieu and Guy Debord.

Keywords: Soft Power. Brazil. Sport. Olympic Games. Carlos Nuzman.

REFERÊNCIAS

AMORIM, C. Brazilian foreign policy under president Lula (2003-2010): an overview. *Revista Brasileira de Política Internacional*, Brasília, v. 53, p. 214-240, dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292010000300013>. Acesso em: 14 mar. 2018.

BOURDIEU, P. *Sobre a televisão*. Seguindo de A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BRASIL ULTRAPASSA REINO UNIDO E SE TORNA 6ª ECONOMIA DO MUNDO. *IstoÉ*, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://istoe.com.br/184334_BRASIL+ULTRAPASSA+REINO+UNIDO+E+SE+TORNA+6+ECONOMIA+DO+MUNDO/>. Acesso em: 8 out. 2017.

BUARQUE, D. Brasil perde soft power por frustrar expectativas. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 24 ago. 2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/08/1912664-brasil-perde-soft-power-por-frustrar-expectativas-diz-pesquisadora.shtml>>. Acesso em: 4 mar. 2018.

BURKE, P. *Testemunha ocular: história e imagem*. Tradução Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: EDUSC, 2004.

CLAREY, C. The Olympic Games exceeded low expectations. *The New York Times*, 26 ago. 2016. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/08/27/sports/olympics/the-olympic-games-exceeded-low-expectations.html?rref=collection%2Fnewseventcollection%2Frio-olympics-2016>>. Acesso em: 10 out. 2017.

COX, R. W. Gramsci, hegemony and international relations: an essay in method. *Millennium: Journal of International Studies*, Londres, v. 12, n. 2, p. 162-175, jun. 1983. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/03058298830120020701>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

- DEBORD, G. *A Sociedade do espetáculo*. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- GIBSON, O.; WATTS, J. Rio 2016 opening ceremony a mix of pared patriotism and climate concern. *The Guardian*, Londres, 5 ago. 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/sport/2016/aug/05/olympic-opening-ceremony-rio-2016-fernando-meirelles>>. Acesso em: 28 de fev. 2018.
- HOLANDA, S. B. de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- IANNI, O. *Enigmas da modernidade-mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- IANNI, O. *Teorias da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- INTERNATIONAL MONETARY FUND. Disponível em: <<http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2009/02/weodata/weorept.aspx?sy=2006&ey=2009&scsm=1&ssd=1&sort=country&ds=.&br=1&c=223&s=NGDPD%2CNGDPDPC%2CPPPGDP%2CPPPPC%2CLP&grp=0&a=&pr1.x=61&pr1.y=8>>. Acesso em: 9 nov. 2014.
- KELNER, M. Rio 2016 Olympic chief Carlos Nuzman arrested in corruption investigation. *The Guardian*, Londres, 5 out. 2017. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2017/oct/05/brazilian-police-arrest-olympics-chief-carlos-arthur-nuzman-bribery-investigation#top>>. Acesso em: 10 out. 2017.
- LONDOÑO, E.; PANJA, T. Brazil's Olympic committee head is detained in bribe inquiry. *The New York Times*, New York, 5 out. 2017. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/10/05/world/americas/brazil-olympics-bribery.html?rref=collection%2Fnewseventcollection%2Frio-olympics-2016&action=click&contentCollection=olympics®ion=stream&module=stream_unit&version=latest&contentPlacement=1&pgtype=collection>. Acesso em: 10 out. 2017.
- MAQUIAVEL, N. *A arte da guerra*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MAQUIAVEL, N. *O Príncipe*. Tradução Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- MONOCLE. *Soft Power survey 2016/2017*. 2017. Disponível em: <<https://monocle.com/film/affairs/soft-power-survey-2016-17/>>. Acesso em: 16 out. 2017.
- MORIN, E. *Cultura de massas no século XX*. Rio de Janeiro: Forense, 1997.
- NYE JR., J. S. *Soft Power: the means to success in world politics*. New York: Public Affairs, 2004.
- OLIVEIRA, L. Entrevista com Stephanie Dennison: a cultura do Brasil no mundo. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 7 set. 2017. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/blogs/estado-da-arte/entrevista-com-stephanie-dennison-a-cultura-do-brasil-no-mundo/>>. Acesso em: 4 mar. 2018.

PAYNE, M. Nine months after the Rio Olympics, a new problem emerges – defective medals. *The Washington Post*, Washington D.C., 2017. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/early-lead/wp/2017/05/20/nine-months-after-the-rio-olympics-a-new-problem-emerges-defective-medals/?utm_term=.9cffdcee2792>. Acesso em: 5 nov. 2017.

PIRES, B. Rafaela Silva, uma campeã olímpica expõe o racismo institucional. *El Pais Brasil*, 24 fev. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/24/deportes/1519427504_557900.html>. Acesso em: 28 fev. 2018.

PORTLAND PT Ltd. The Soft Power 30. 2017. Disponível em: <<https://softpower30.com/>>. Acesso em: 16 out. 2017.

QUADRO DE MEDALHAS. *Uol*, São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://olimpiadas.uol.com.br/quadro-de-medalhas/>>. Acesso em: 17 out. 2017.

QUADRO DE MEDALHAS. *Uol*, São Paulo, 2012. Disponível em: <<https://olimpiadas.uol.com.br/2012/quadro-de-medalhas/>>. Acesso em: 17 out. 2017.

QUADRO DE MEDALHAS. *Uol*, São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://olimpiadas.uol.com.br/2008/quadro-de-medalhas/>>. Acesso em: 17 out. 2017.

ROMERO, S. A Gilded Olympics begin with the opening ceremony in gritty Rio. *The New York Times*, New York, 5 ago. 2016. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/08/06/sports/olympics/summer-games-opening-ceremony-rio.html>>. Acesso em: 28 fev. 2018.

THE WORLD BANK. Gross domestic product. 2010. Disponível em: <<http://siteresources.worldbank.org/DATASTATISTICS/Resources/GDP.pdf>>. Acesso em: 8 out. 2010.

VECCHIOLI, D. Temer corta 87% da verba do esporte para 2018 e Bolsa Atleta pode acabar. *Olhar Olímpico*. São Paulo, 19 set. 2017. Disponível em: <<https://olharolimpico.blogosfera.uol.com.br/2017/09/19/temer-corta-87-da-verba-do-esporte-para-2018-e-bolsa-atleta-pode-acabar/?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 17 out. 2017.

VIGEVANI, T.; OLIVEIRA, M. F. de; CINTRA, R. Política externa no período FHC: a busca de autonomia pela integração. *Tempo Social*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 31-61, nov. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v15n2/a03v15n2.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

Recebido em março de 2018.

Aprovado em março de 2018.